

O MOVIMENTO HIP HOP EM ARACAJU: PRÁTICAS CULTURAIS E INCLUSÃO SOCIAL

Angélica Ferreira da Silva¹
Marcos Vinícius Barbosa Fonseca²
Jesana Batista Pereira³

Serviço Social



ISSN IMPRESSO 1980-1785
ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

O artigo traça um estudo sobre o Movimento Hip Hop em Aracaju, buscando compreender como se processam as práticas culturais e como estas colaboram com a promoção da inclusão social. A pesquisa desenvolveu-se por meio de entrevistas realizadas com integrantes do movimento, ligados aos quatro elementos que caracterizam sua prática, a saber: o Break, o DJ, o Grafite, e o Rap, bem como com um elaborador de projetos de inclusão social do movimento em Aracaju, para conhecer como são realizados e como funcionam os projetos. O intuito foi de compreender suas concepções acerca do que fazem, assim como também a realidade do meio social em que vivem. Em sendo um movimento construído pela "periferia", o artigo, também, tenta evidenciar o quanto, por meio de seus projetos sociais, o movimento hip hop busca superar as condições de marginalização, atraindo jovens para seu meio e inserindo-os em oficinas de artes, dança, música, canto, dentre outros trabalhos.

PALAVRAS-CHAVE

Movimento Hip Hop. Práticas Culturais. Inclusão Social.

The article outlines a study about the Hip Hop Movement in Aracaju seeking to understand how to process the cultural practices and how they promote social inclusion. The research developed through interviews with members of the movement linked to the four elements that characterize his practice, namely: the Break, DJ, Graffiti, and Rap, as well as with a makers of social inclusion projects in Aracaju motion to know how they are made and how they work. The aim was to understand their conceptions about what they do, as well as the reality of the social environment in which they live. In being a movement built by the "periphery", the article also attempts to show how, through its social projects, the hip hop movement seeks to overcome the conditions of marginalization, attracting young people into their environment and inserting them in arts workshops, dance, music, singing, among other works.

KEYWORDS

Hip Hop Movement. Cultural Practices. Social Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa compreender como se dá o movimento *hip hop* em Aracaju. Desta forma, foi analisada sua origem, história, objetivos e as práticas culturais desenvolvidas pelo movimento. Além disto, buscou-se entender como estas práticas contribuem para a inclusão social dos seus integrantes. A priori, definir-se-á o surgimento dos movimentos sociais, em seguida novos movimentos sociais, para enfim versar a respeito dos movimentos urbanos no qual o movimento *hip hop* se situa. Será posto, também, como surgiram as práticas culturais deste movimento, quais sejam o *break*, o grafite, o rap e o Dj e como elas influenciam na inclusão social dos integrantes. Enfim, convém lembrar, que delimitada a origem do movimento *hip hop* é mister destacar como foi sua trajetória até chegar ao Brasil e em Aracaju – SE.

Para efeito da pesquisa, foram realizadas entrevistas com integrantes de cada elemento do Movimento *Hip Hop*, que desenvolvem práticas culturais representadas pelo *Break*, DJ, Grafite, e Rap. O objetivo foi de analisar e conhecer suas concepções sobre as respectivas práticas, assim como suas formas de interpretar a realidade em que vivem. Por meio de suas respostas realizou-se a categorização do discurso, construindo-se a análise a partir dos significados atribuídos aos conteúdos das falas a fim de conhecer como é pensado o Movimento *Hip Hop* em Aracaju.

2 SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS

A respeito dos movimentos sociais, Gohn (2004) compreende que o teórico Herbert Blumer, um dos pioneiros em estudos sobre os movimentos sociais, considera o surgimento deles a partir de uma situação de inquietação social. Ou seja: "[...] através da insatisfação com a vida atual, desejo e esperanças de novos sistemas e programas de vida [...]" (GOHN, 2004, p. 30).

No ano de 1950 os movimentos sociais eram vistos como intermediadores das lutas de classes, associando os mesmos às guerras, nazismo, fascismo, entre outros acontec-

imentos. Já no ano de 1960 surgia um novo olhar para os movimentos sociais que tinha como novidade as mulheres, os estudantes e o meio ambiente como elementos principais. Dessa forma, estas e outras novas temáticas foram se desenvolvendo até que em 1970 culminaram nos novos movimentos sociais.

Várias são as visões para explicar o surgimento dos novos movimentos sociais. Dentre elas, Gohn (2004) explana que nos anos 1970, especificamente na Europa surgiram interesses por novas temáticas como o movimento dos direitos civis, das mulheres, operários entre outros. Com estas mudanças, surgiu o interesse de se analisar as mudanças do momento e da vida real, surgindo, também, temas como: conflitos raciais, ecologia, movimentos de gays e lésbicas, medicina alternativa, minorias nacionalistas, direitos dos animais, novos movimentos religiosos, Nova Era. Dessa forma, os novos movimentos sociais são considerados por Gohn (1995) como formas de desavenças aos antigos movimentos com base em suas práticas e objetivos.

Já, segundo a concepção de Offe (1992) existe bases sociais desses novos movimentos, onde se destacam: a nova classe média, especialmente aqueles elementos que trabalham em profissões de serviços humanos e/ou no setor público; elementos da velha classe média; uma categoria da população formada por gente a margem do mercado de trabalho ou em uma posição periférica respectiva a ele.

2.1 MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS

Gohn (2004) explana que os movimentos sociais urbanos tiveram grande destaque no cenário latino-americano nos últimos tempos, onde, em se tratando do Brasil, é possível enxergar que nos anos de 1978/1979, com um grande número de movimentos e formas de organização popular que ali surgiram, gerou mudanças logo no ano posterior, o de 1980, onde se observou que a chave do problema estava na conjuntura sócio-política da época. Nos anos 1980 surgem novas formas de lutas, onde se destacava a busca pela posse de terras, por moradia, movimentos de favelados e desempregados, entre outros.

Na convicção de Santos (2008), quando se faz referência ao termo “movimentos urbanos”, deve-se lembrar de que eles são comumente designados como populares. Não obstante, alguns movimentos que ocorrem nas cidades e não são tão somente populares, ou somente urbanos, são denominados de novos movimentos sociais. Estes identificam novas problemáticas que perpassam pelo cotidiano dos sujeitos sociais envolvidos, como formas de opressão relacionadas à cidadania e aos direitos universais. Referem-se, sobretudo, às reivindicações das mais gerais até as mais específicas, como o movimento por direitos civis e universais, ambientalistas, étnicos, religiosos, sexuais, pela paz entre outros.

Em consonância ao pensamento de Santos, no que tange à nomenclatura “novos movimentos sociais” a mesma elucidada:

A denominação novos movimentos sociais acompanha a terminologia europeia para designar aqueles movimentos que após os anos 70, surgiram na Europa com a crise do estado do bem-estar social e da própria sociedade industrial, empreendidos principalmente pela classe média e relacionados às questões de gênero (movimento feminista), ambientalistas, sexuais, dentre outros. (SANTOS, 2008, p. 12).

Ainda segundo Santos (2008), os movimentos urbanos podem reunir grupos de diferentes situações econômicas, ou reunir somente indivíduos das camadas mais pobres, como o movimento sem terra. E alguns movimentos sociais adquiriram um projeto transformador, tendo por objetivo a transformação da sociedade. Assim, atuariam buscando soluções para os problemas relacionados à divisão social de trabalho e às injustiças sociais. Convém ressaltar, que a autora concorda com a opinião de Gohn (2004), ao afirmar que os movimentos populares podem colaborar na formação política das camadas populares, construindo uma contra-hegemonia popular, podendo alterar as decisões impostas pela classe dominante.

Santos (2008) utiliza uma descrição analítica apresentada por Gohn (2004) referente às especificidades de diversos movimentos sociais urbanos, sendo que o movimento *hip hop* se enquadra no enfoque cultural – autonomista dentro desta análise. Pois, os movimentos sociais que fazem parte deste enfoque “[...] revalorizam a cultura e a subjetividade na elaboração dos conflitos sociais contra a racionalidade instrumental do Estado [...]” (SANTOS, 2008, p. 26).

2.2 O HIP HOP COMO MOVIMENTO SOCIAL E CULTURAL

De acordo com Stoppa (2005), o contexto de violência e vários outros problemas sociais, presentes principalmente nas periferias das cidades, ocasionados pela carência das políticas públicas que insuficientemente impulsionam o processo de inserção dos sujeitos na sociedade como cidadão ativo, leva a reunião de pessoas nas comunidades com a finalidade de buscar soluções para os problemas enfrentados. Na maioria das vezes recorrem à área cultural, esta é utilizada como instrumento amenizador das questões sociais, propiciando assim a formação de grupos como o de *Hip Hop*, por exemplo.

A partir desta conjuntura segundo Daniel Schroeter (2002), o *Hip Hop* surge nos Estados Unidos (EUA), no final da década de 1960, vindo da Jamaica para o Bronx pelo disc-jockey (DJ) Kool Herc, este trouxe a técnica dos “sound-systems” para as festas nas praças. No decorrer, alguns jovens admiradores do trabalho de Herc se propuseram a aprofundar sua técnica, o que levou ao seu aperfeiçoamento, ganhando assim novas características, como por exemplo, o “scratch” que é a utilização da agulha dos toca-discos arranhando o vinil no sentido anti-horário, como, também, a presença de uma pessoa que ao acompanhar o ritmo da música faz alguns discursos, este ficou conhecido como *rapper*.

Daniel Schroeter (2002) aborda, também, que no início o *hip hop* envolvia apenas a dança *break*, o grafite e o **rap**, e que esta trilogia encontrava-se em um cenário cultural. Desta forma, o Dj Afrika Bambaataa foi o responsável por criar a junção do grafite junto a esta trilogia, que fez com que o *hip hop* se consolidasse tendo quatro elementos, quais sejam: MC (compositor do rap), valendo ressaltar, que rap (rhythm and poetry) significa ritmo e poesia, o DJ (Disk Jokey) significa disco – jóquei que é o artista e técnico que mistura músicas diferentes para serem ouvidas e/ou dançadas, usando suportes como vinil, CD ou arquivos digitais sonoros para tocar, Break Boy /ou Break Girl (B. Boy ou B. Girl – dançarinos) e Grafiteiro.

Portanto, atualmente entende-se o *hip hop* como um movimento constituído por quatro elementos, o cantor de rap denominado de rapper ou MC, o qual mostra a realidade vivida pelos moradores das grandes periferias através das discussões e cerimônias contidas nas letras de suas músicas; a dança que é mostrada através do break; o DJ que cria o som, misturas musicais e batidas para os dançarinos e rappers se expressarem; e a pintura se faz por meio da arte nomeada de grafite. Tais elementos, inter-relacionados constituem um sistema simbólico orientador das práticas culturais e das atitudes juvenis.

O termo *hip hop*, que é uma união entre movimentar os quadris (*hip*) e saltar (*hop*) ou balançar o corpo foi criado pelo Dj Lovebug Starski e disseminado pelo DJ Afrika Bambaataa no ano de 1968 (ROCHA et al., 2001, p. 17 e 18). Convém ressaltar ainda, que Bambaataa foi o fundador da organização Zulu Nation, entidade que invoca a “Paz, União e Diversão” através do *hip hop* em diversos países do mundo. A saber, foi esta instituição, que juntamente ao Dj Afrika Bambaataa que atribuíram a característica de movimento à cultura *hip hop*. No início da década de 1970, Bambaataa passou a elaborar novos modos de fazer música e uma nova forma de compreender a perspectiva dos negros na sociedade norte-americana.

Sendo assim, segundo Rocha et al. (2001), artistas locais que faziam parte de gangues, a fim de superarem seus conflitos, podiam se enfrentar por meio das batalhas artísticas, participarem de seminários, palestras, debatendo a respeito da importância do combate à violência e da importância da cultura *hip hop* para as comunidades afro-americanas.

Destarte, fazendo um breve resgate histórico no que diz respeito à situação do negro na sociedade norte-americana no ano de 1954, pode-se afirmar, que as escolas eram direcionadas para brancos ou para “pessoas de cor”. E os ônibus tinham lugares reservados para brancos e negros. Além disso, negros não podiam sentar nas poltronas dos brancos. Logo, vivia-se uma política que se assemelhava ao *apartheid*¹. Na década de 1960 foram tempos de batalhas, saques, incêndios e confrontos com a polícia. No lapso temporal de dez anos, de 1965 a 1975 os Estados Unidos participaram da Guerra do Vietnã. Então surgiu uma proposta, a qual ganhava força entre o povo negro, que foi chamada de *Black Power* (Poder Negro), na qual, por meio deste movimento os negros podiam resolver os problemas de suas comunidades sem a influência dos brancos.

Desta forma, realizando uma ligação com o afirmado em concernimento às gangues, segundo Rocha et al. (2001), o Dj Bambaataa ao entender que os conflitos entre os guetos estavam incontrolláveis propôs que os jovens envolvidos nestes embates passassem a resolver suas disputas territoriais por meio de “batalhas dançantes”.

Segundo Buzo (2010) no fim do século XX e início do XXI, a cultura da periferia se impõe como um dos movimentos sociais urbanos de ponta do país, com suas características peculiares e um proeminente projeto de transformação social. A saber, a produção cultural proveniente das periferias brasileiras começou a ser reconhecida há pouco tempo, e ganhou grande relevância para a sociedade.

O *hip hop* brasileiro se difere daquele dos Estados Unidos, pois o *hip hop* que carrega os símbolos de sua cultura oficial adquiriu vida própria e é uma subcultura com os traços identitários brasileiros.

Em seu livro, Buzo (2010) aponta que no Brasil, o surgimento do Movimento *hip hop* se deu na cidade de São Paulo, entre os anos de 1982 e 1983, por meio da importação dos Estados Unidos do *soul*² e do *funk*³ em que estes foram motivos para a união de jovens brasileiros, em sua maioria de negros. Tem-se o conhecimento que nos Estados Unidos existem tanto os grupos violentos que são financiados pelo tráfico, quanto os grupos mais tranquilos, estes substituem a violência das brigas pela competição na música, na dança e no grafite. Já no Brasil os grupos de *hip hop* conhecidos são contra a violência e as drogas e, também, se luta pela inclusão social, levando sempre mensagens positivas, o que favorece o vínculo entre os grupos com os interesses governamentais, organizações não governamentais e igrejas.

Souza (2006) informa que embora o Movimento *hip hop* venha surgir no Brasil na década de 1980, ele se tornou diferente do norte-americano. As muitas diferenças que separam brasileiros e norte-americanos ajudam a determinar no Brasil, um *hip hop* diferenciado. Desta forma, as letras retratam o cotidiano vivido pelo rapper brasileiro. A título de exemplo: a falta de escola, de emprego, más condições de saúde e lazer. Portanto, estes e outros problemas encontrados na sociedade servem de tema para os quatro elementos do *hip hop*.

Em contrapartida a questão dos problemas sociais, existe um *hip hop* com características da cultura popular brasileira. A fim de ilustrar o exposto, convém ressaltar Toni C (2012, p. 22) que afirma:

Mas quem é o Hip Hop brasileiro? – É um cara que, antes de escrever o primeiro Rap, já era gestado no repente e a embolada com pandeiro. Antes de se atrever a entrar na primeira roda de break já era chacoalhado nas rodas de umbigada, da congada, do jongo. Antes do primeiro footwork já ia me formando no passista de frevo, na dança chula gaúcha. Antes do primeiro traço com spray já estava misturado na tinta das pichações políticas contra a ditadura, na forma rústica da xilogravura nas capas dos livros de literatura de Cordel.

Portanto, o *hip hop* tem um posicionamento crítico em relação à realidade social dos jovens da periferia. A poesia e a música são instrumentos de expressão que em geral, retratam o sofrimento destes grupos, como a violência, a miséria, o preconceito, a falta de oportunidade de trabalho, estudo entre outras problemáticas.

3 HIP HOP ENQUANTO PRÁTICA CULTURAL: POR TRÁS DOS QUATRO ELEMENTOS

O Movimento *hip hop*, por meio da expressão de seus quatro elementos, favorece a inclusão social de seus integrantes, haja vista que a maioria daqueles que integram o movimento são provenientes da periferia, cenário em que vários problemas sociais são vivenciados pelos mesmos. Será realizada aqui uma breve explanação sobre suas definições.

Pode-se destacar o *Break* como o primeiro elemento a surgir na década de 1960 em Nova Iorque, o mesmo se apresenta como a arte corporal através da dança realizados pelos *B-boys* e *B-girls*. A guerra do Vietnã foi a inspiração dos passos da dança, que se baseavam nos corpos mutilados, braços e pernas amputadas, além das hélices dos helicópteros dos aviões que voltavam da Guerra e representavam os rodopios com a cabeça feitos no chão. Assim outros movimentos foram surgindo com o passar do tempo, a exemplo dos robôs, entre outros (ANDRADE, 1999).

O *Rap* se apresenta como a voz da periferia, conforme Silva (2004) se originou na Jamaica na década de 1950 e logo após, por volta de 1970, se expandiu pelas favelas dos Estados Unidos. O mesmo é cantado por um Mestre de Cerimônia (MC) o qual é responsável por expressar a rima. Stoppa (2005) considera o elemento musical como um dos mais importantes entre os quatro elementos, pois grande é a riqueza encontrada nas letras que são compostas, as quais denuncia a realidade vivida por eles dentro de seu mundo periférico.

O *Grafite* se apresenta como a arte urbana em forma de pinturas, desenhos ou frases realizadas nos muros e paredes das cidades pelos grafiteiros, ou melhor, os artistas de rua

que podem pertencer a diferentes tipos de grupos, chamados de Crew's (CASCUDO, 2002). A arte de rua chegou ao Brasil por meio de Ciro Cozzolino que foi estudar Artes plásticas em Paris no ano de 1981.

O DJ se baseia pelo ritmo e as batidas por trás da poesia e da dança, sendo responsável pelo ritmo, andar da dança e integração das letras que denunciavam protestos. O mesmo surgiu no Bronx – Nova York no ano de 1972 nas rodas de jovens da periferia. Entre os jovens se encontrava Clive Campbell, imigrante jamaicano, sendo conhecido como o primeiro DJ do mundo. Já no Brasil, segundo Toni C. (2012) o primeiro Dj brasileiro foi Osvaldo Pereira que fazia bailes por volta da década de 1950, sendo feitos sons atrás das cortinas que se denominavam de orquestra Invisível. Os primeiros DJ's também faziam papéis diferentes de seu cotidiano, como o uso de microfones para apresentações nas festas e também de falas improvisadas. Foi desta forma que surgiu o Mestre de Cerimônia, ou melhor, dizendo, o MC. (apud GUSTSACK, 2003).

4 O MOVIMENTO HIP HOP EM ARACAJU

Em 2012 foi aprovada a Lei Municipal nº 4.064 de 22 de Agosto de 2011 que institui a Semana Municipal do *hip hop*, a ser realizada anualmente na segunda semana do mês de maio. Esta lei foi uma iniciativa da Câmara dos Vereadores, a partir da vereadora Karla Trindade. A semana recebe o apoio e a contribuição do executivo municipal, das secretarias municipais de educação, assistência social, cultura, turismo e esporte e lazer. Os próprios representantes do movimento são responsáveis pela elaboração e execução das atividades a serem implementadas na semana, haja vista que a própria ideia da Lei surgiu a partir do coordenador da Nação *Hip Hop* Brasil de Aracaju, Anderson Passos, conhecido como *Hot Black*, se espelhando em Porto Alegre e em São Paulo, primeiras cidades a instituírem uma semana para o Movimento *hip hop*.

O artigo 3º da Lei Municipal explana que durante a semana devem ser realizadas diversas atividades, dentre as quais os elementos do Movimento Hip Hop devem estar contemplados, ou seja: o *break*, o grafite, o rap e o Dj, além de palestras, oficinas e debates (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACAJU, 2012)

5 DISCUSSÃO DOS DADOS

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com um integrante de cada elemento do Movimento *Hip Hop*, sendo eles: O Break, o Rap, o Grafite e o Dj, com o objetivo de conhecer melhor suas vivências dentro do movimento e como este acontece em Aracaju.

Ao analisar todas as respostas obtidas por meio das falas dos integrantes pode-se notar que a prática está totalmente voltada a inclusão social da periferia, já que nestes locais carentes é notável a presença da fome, do desemprego, da prostituição, das drogas entre outros problemas sociais. Os mesmos distinguem o *hip hop* como uma ferramenta de transformação social, compreendendo-o como um espaço de mudanças na cultura e na política envolvendo a juventude.

Dentro desse contexto, os ideários de cidadania tornam-se a tônica das reivindicações, como falta de recursos financeiros e improbidades na gestão pública das políticas

226 | de saúde e de educação. Por outro lado, os entrevistados evidenciaram que, por meio das mais diversas formas de expressão que o movimento proporciona, trajetórias de vida antes inauditas e invisíveis, ganham foros de realizações pessoais e coletivas. Seja por meio da descoberta de novas técnicas do fazer, como customizar roupas, sapatos, tênis, skate, ou do estímulo a um comportamento pautado nas premissas de pertencimento a uma comunidade moral. No entanto, muitos são os desafios enfrentados por esses sujeitos, e o preconceito é um dos principais. Muito deles são vistos como pessoas marginalizadas, de classe baixa e sem nenhuma estrutura familiar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo evidenciar o quanto os movimentos sociais possuem de força identitária ao congregarem estilos, gostos, visões de mundo e subjetividades difusas em projetos inclusivos que transformam competências periféricas em possibilidades de realização do sujeito cidadão. Além disso, relatamos que o *hip hop* e suas práticas culturais em Aracaju estão ganhando visibilidade, atualmente, por meio da Lei Municipal que instituiu a Semana Municipal do *Hip Hop*, a qual já existe em Porto Alegre e São Paulo. Nesta Semana Municipal do *Hip Hop*, são realizadas oficinas, debates, entre outras atividades, as quais visam à integração social dos participantes, assim como fomentar a multiplicação do conhecimento a respeito do que é o movimento para toda a sociedade.

Os quatro elementos do Movimento *Hip Hop* constituem-se em práticas culturais que promovem a inclusão social dos jovens da periferia. Cada um tem uma maneira peculiar (canto, dança, pintura, produção musical) de atuar frente à desigualdade, que se apresenta como uma das expressões da questão social. Além disso, os quatro elementos apresentam uma característica em comum para os jovens da periferia: uma escolha, uma alternativa, uma chance.

Quando certos indivíduos escolhem um determinado elemento, eles ganham uma identidade. Estes sujeitos dotados de identidade, seja ele um *Mc*, *Dj*, *B.Boying* ou *grafiteiro*, estarão multiplicando cidadania ao cantar, discursar, apresentar, tocar, fazer oficinas, ensinar, pois em cada elemento eles discutem que têm direitos e que precisam lutar por eles. Assim, na periferia, escolas, ruas, calçadas, parques, sempre haverá lugar para eles, pois onde houver pessoas para presenciar suas práticas, eles estarão lá para incentivar os indivíduos a terem uma consciência política, a lutarem por seus direitos, a evitarem traçar caminhos como o das drogas e a criminalidade. Todo traçado teórico que foi abordado neste trabalho foi complementado com a pesquisa de campo.

Por meio dos teóricos conhece-se o movimento *hip hop*, porém com as entrevistas foi possível aprofundar este conhecimento. Neste sentido, entrevistou-se um representante de cada elemento e buscou-se compreender a dinâmica do Movimento na prática. E a essência do *Hip Hop* está nas pessoas que o constitui. Está representada pelo exército do Movimento *Hip Hop*, por todos estes soldados por trás dos quatro elementos, pois são eles que fazem o movimento seguir caminhando, cantando, dançando, pintando e tocando sempre em um sentido de constante conscientização. Sobretudo, conhecem-se pessoas que estão ligadas ao *hip hop* e têm uma filosofia de vida baseada nos princípios de humildade, solidariedade, sociabilidade, positividade, integração entre outros.

Foi vista a paixão nos olhos dos entrevistados que transbordavam ostentação em

fazerem parte do Movimento *Hip Hop*, mesmo não sendo financeiramente reconhecidos. Logo, percebe-se que eles têm prazer em estar no movimento, desenvolvendo atividades e promovendo a inclusão social por meio dos quatro elementos. É notório compreender como o *hip hop* é importante na vida destas pessoas e como elas fazem uso dele para promover a inclusão social, pois o mesmo é um instrumento multiplicador de cidadania. Por meio dos quatro elementos, *Mc*, *break*, grafite, DJ, são desenvolvidas as práticas culturais do movimento *hip hop*. Os elementos do movimento, as características que o envolve como as vestes, as gírias e até mesmo a identidade que o movimento adquiriu no Brasil, são práticas culturais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Elaine Nunes de (Org.). **Rap e educação**. Rap é educação. São Paulo: Summus, 1999.

BUARQUE, Cristina et al. Perspectivas de gênero: debates e questões para as ONGs. Recife: GT Gênero. Plataforma de Contrapartes Novib / SOS CORPO. **Gênero e Cidadania**, 2002.

BUZO, Alessandro. **Hip-hop: dentro do movimento**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2010. (Coleção Tramas urbanas).

C., Toni. **O hip hop está morto!** A história do hip hop no Brasil. São Paulo: Edição do autor, 2012.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1995.

OFFE, Claus. **Capitalismo desorganizado**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

GUSTSACK, Felipe. **Hip-Hop: educabilidades e traços culturais em movimento**. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6454/000441886.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 03 maio 2012.

ARACAJU. Prefeitura de Aracaju. Semana municipal de Hip Hop. Disponível em: <<http://www.aracaju.se.gov.br/index.php?act=leitura&codigo=50716>>. Acesso em: 25 maio 2012.

ROCHA, Janaina et al. **Hip hop: a periferia grita**. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

SANTOS, Regina Bega dos. **Movimentos sociais urbanos**. São Paulo: UNESP, 2008. (Paradáticos. Série Poder).

SILVA, Vinícius Gonçalves Bento da; SOARES, Cássia Baldini. As mensagens sobre drogas no rap: como sobreviver na periferia. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.9, n.4, Dec. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000400018&lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2011.

228 | SOUZA, Rose Mara Vidal. **Cultura hip hop, identidade e sociabilidade: estudo de caso do Movimento em Palmas.** Palmas. Tocantins. 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/souza-rose-cultura-hip-hop.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2012.

STOPPA, Edmur Antonio. **Táligadomano: hip-hop as leisure and search for citizenship.** 2005. 143f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/diadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/teses/Stoppa.pdf>. Acesso em: 13 set. 2011; acesso em: 26 abr. 2012.

(Endnotes)

- 1 O Apartheid foi um dos regimes de discriminação aconteceu mais cruéis no mundo. Ele na África do Sul de 1948 até 1990 e durante todo esse tempo esteve ligado à política do país. A antiga Constituição sul - africana incluía artigos onde era clara a discriminação racial entre os cidadãos, mesmo os negros sendo a maioria na população. Disponível em <http://www.passeiweb.com/saiba_mais/voce_sabia/apartheid>. Acesso em: 01 maio 2012.
- 2 *Soul* (do inglês. "alma") é um gênero musical dos Estados Unidos da América que nasceu do rhythm and blues e do gospel durante o final da década de 1950 e início da de 1960 entre os negros. Disponível em: <<http://www.groovingmachine.com.br/detalhes/artigos/historia-do-soul.html>>. Acesso em: 25 maio 2012.
- 3 O *funk* é um estilo musical que surgiu através da música negra norte-americana no final da década de 1960. Disponível em: <<http://www.brasile scola.com/artes/funk.htm>>. Acesso em: 25 abr. 2012.

Recebido em: 26 de junho de 2013

Avaliado em: 3 de julho de 2013

Aceito em: 5 de agosto de 2013

1 Graduada em Serviço Social pela Universidade Tiradentes (UNIT). Campus Farolândia/Sergipe em 2012.2. E-mail: angelicaf.servicosocial@hotmail.com

2 Graduado em Serviço Social pela Universidade Tiradentes (UNIT). Campus Farolândia/Sergipe em 2012.2. E-mail: marcos-social@hotmail.com

3 Bacharel em Ciências Sociais Habilitação Antropologia pela Universidade de Brasília (1988); Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1996) e Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2007). Professora do Núcleo de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade Integrada Tiradentes - FITs/AL. Professora da Universidade Tiradentes (UNIT). E-mail: jesanabatista@uol.com.br

Este artigo é parte da Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social da Universidade Tiradentes (UNIT), como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social, sob a orientação da Profa. Drª Jesana Batista Pereira em 12 de junho de 2012.